

# APRESENTAÇÃO

**José Ernesto de Fáveri\***

A profissão de professor fez-me interlocutor de Paulo Freire. Quanto mais me aproximava do saudoso pedagogo, mais a minha curiosidade ficava aguçada: por quais caminhos de interação caminhará a genial intuição do mestre da pedagogia dialógica, que surpreendeu o mundo da educação com a *Pedagogia do oprimido*?

A trajetória de Paulo Freire fez-me encontrar Álvaro Vieira Pinto. Durante o exílio, na já distante década de 1960, o maior pedagogo brasileiro, tomando *pisco* em torno de uma mesa na capital chilena, com certeza se reunia para dialogar com brasileiros, entre eles o também pedagogo e filósofo Vieira Pinto.

Disposto a encontrar as bases do pensamento filosófico freireano, não me satisfiz com o pouco que fora publicado no Brasil ou no exterior da vasta obra filosófica de Vieira Pinto. Por isso, fui em busca de suas obras inéditas, entre as quais *A sociologia dos países subdesenvolvidos*, o derradeiro manuscrito, elaborado no isolamento e no anonimato em 1975, no Rio de Janeiro.

Como professor de filosofia da educação, sinto-me honrado por conseguir trazer a público o último escrito daquele que, sem dúvida, foi o maior filósofo brasileiro, que também deu grandes contribuições à filosofia da educação, à sociologia e à crítica epistemológica.

Como foi o percurso para resgatar a obra manuscrita de Álvaro Vieira Pinto?

O encontro com os seus escritos foi a origem do projeto e da pesquisa de doutorado, que resultou na elaboração e defesa da tese.\*\* Encerrada a etapa do mestrado, continuei pesquisando freireanamente, enquanto exer-

---

\* Graduado em filosofia e pedagogia, mestre em educação, doutor pela Universidade Federal de São Carlos na área de fundamentos da educação. Professor e pesquisador em educação brasileira. Escritos no prelo: *O legado de Álvaro Vieira Pinto a partir dos seus contemporâneos* e *Álvaro Vieira Pinto versus Paulo Freire: categorias filosóficas e contribuições à educação libertadora*.

\*\* O texto que se segue é um extrato da tese de doutorado que defendi em 27 de outubro de 2006, sob a orientação de Paolo Nosella. O título é *Álvaro Vieira Pinto: trajetória, filosofia e contribuições à educação libertadora* (Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006, 583 p.).

cia a atividade de docente na universidade. Fortalecido pelas palavras de incentivo de amigos, comecei a luta para ingressar no curso de doutorado. Somente em 2002 logrei aprovação para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação na Área de Fundamentos da Educação, na Universidade Federal de São Carlos.

Depois de encerradas as disciplinas previstas no programa e com o projeto aprovado pelo orientador, dr. Paolo Nosella, comecei uma longa e árdua caminhada para coletar os dados necessários para a elaboração da tese sobre Vieira Pinto. Iniciei pela leitura de textos *sobre* o pensamento do filósofo, observando notas de rodapé e referências bibliográficas, na perspectiva de preparar-me para ler as produções *do* filósofo. Por meio dessas leituras, comecei a mapear intelectuais que haviam se envolvido direta ou indiretamente com estudos semelhantes, a fim de buscar pistas para resgatar periódicos e obras (publicadas ou não) dele mesmo ou de pesquisadores que investigaram o seu pensamento.

Em seguida, já sabendo do óbito de Álvaro Vieira Pinto, entrei em contato com uma editora paulista para localizar o endereço e o telefone de sua esposa, a sra. Maria Aparecida Fernandes Vieira Pinto. Descobri que ela também havia falecido. E então? Por onde começar? Num primeiro momento, veio o desânimo. Interrompi as buscas por várias semanas. Em seguida, porém, decidi retomar os contatos. Telefonei de novo para a editora, pois presumi que o apartamento onde a viúva do filósofo morava tivesse sido inventariado. Por intermédio de algum herdeiro ou locatário, eu esperava chegar a alguém da família que pudesse dar informações sobre a vida e a obra de Vieira Pinto.

Imaginei que, pelo cadastro da editora, poderia chegar aos antigos endereço e telefone dele. Porém, tudo o que consegui foi o endereço e o telefone da atual locatária do apartamento em que o filósofo e sua companheira viveram. Por meio dela, localizei o telefone e o endereço da irmã da esposa de Vieira Pinto, a sra. Lourdes Fernandes, a qual, como soube mais tarde, também trabalhara no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Estabeleci um breve contato com o filho dela. Marcamos um encontro para debater o paradeiro de toda a produção do filósofo, publicada ou não. Nessa altura, eu sabia que os textos haviam ficado com a esposa. Restava, então, saber que rumo tinha tomado essa produção intelectual, após a morte dela. O próprio Álvaro, em entrevista ao professor Demerval Saviani, afirmara que a produção era vasta.

Com muita dificuldade, depois de inúmeros contatos e tendo obtido alguns endereços, comecei a marcar visitas a pessoas ligadas à família e a outras instituições para garimpar periódicos, livros e outros escritos de Vieira Pinto. No banco de teses da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao contrário do que imaginava, não encontrei nenhum escrito sobre o filósofo, o que me pareceu significativo.

Finalmente, fui à Biblioteca Nacional com a esperança de encontrar mais material, principalmente as obras inéditas — *Filosofia primeira, Educação para um país oprimido, Considerações éticas para um povo oprimido, A sociologia do povo subdesenvolvido e Crítica da existência* — citadas na entrevista que o filósofo concedera ao professor Demerval Saviani, transcrita na obra *Sete lições de educação de adultos*. A busca foi frustrante. Não encontrei novidade além do material que já havia conseguido.

Imerso em um clima de frustração, mas ainda esperançoso de encontrar as obras inéditas, comecei a investir em duas direções:

a) Localizar a sobrinha do filósofo, de quem, naquele momento, eu tinha apenas o nome incompleto: Mariza. A obsessão em localizá-la devia-se ao fato de que ela detinha informações necessárias para que eu me inteirasse do paradeiro dos escritos inéditos, que, segundo a cunhada, estariam na Biblioteca Nacional.

b) Junto com Maria Oly Pey, minha interlocutora, desenvolver a estrutura da tese, o que fosse possível, com o material já resgatado.

Quando estava começando a escrever o quarto capítulo da tese, em uma das muitas visitas que fiz ao professor Jorge Roux,\* encontrei em sua mesa um dos inéditos que estava procurando: *O conceito de tecnologia*, com 1.400 páginas, em dois volumes, publicado pela Editora Contraponto. Reagi com um misto de contentamento e tristeza: eu estava certo de que iria encontrar esses inéditos. A alegria foi ter acesso, naquele momento, a um material desconhecido, que me obrigaria a realizar um estudo profundo (no depoimento a Demerval Saviani, o próprio Vieira Pinto afirmara que esse inédito era muito importante para se analisar a questão educacional). Ali mesmo, com meu amigo Jorge Roux, comecei a folhear o primeiro volume e, numa nota do editor, encontrei informações sobre as pessoas que estavam com o material antes da publicação.

---

\* Amigo e interlocutor de Álvaro Vieira Pinto na década de 1960. Aceitou gentilmente prefiar minha obra intitulada *Filosofia da educação: o ensino da filosofia na perspectiva freireana* (Petrópolis: Vozes, 2006).

Marília Barroso e Orsely Guimarães Ferreira de Brito haviam sido responsáveis pelo resgate do inédito, encaminhando em seguida o texto para publicação. Em um contato com o editor, soube que ambas tinham sido alunas do filósofo, no início da sua carreira. Comuniquei-me com elas. Conversamos sobre a possibilidade de elas darem depoimentos sobre essa fase de sua atividade docente na então Universidade do Brasil. Marcamos o encontro e realizei uma entrevista que revelou o perfil didático de um brilhante professor de história da filosofia, disciplina que ele então lecionava.

Por sugestão de Roux, fomos ao apartamento onde Álvaro Vieira Pinto residira, para conversar com o zelador do prédio. Se fosse o mesmo, poderia ter alguma informação ou mesmo uma chance de saber o paradeiro de Mariza. O zelador, Manoel, informou-nos que trabalhava no prédio havia mais de quarenta anos e conhecia o filósofo. A esposa de Manoel, Maria das Dores, trabalhara como faxineira no seu apartamento. Depois de uma longa conversa, gentilmente, deu-me o seu telefone para que eu fizesse contato com sua esposa, pois acreditava que ela saberia dar informações mais precisas sobre o paradeiro da sobrinha do filósofo. Encerrei minha busca naquele dia.

Nessa altura dos acontecimentos, eu já tinha o nome completo da sobrinha do filósofo: Mariza Urban. Quando se casou, Mariza trocou o sobrenome, dificultando assim a sua localização. A partir daí, tudo ficou mais fácil. Por meio de contatos diversos, descobri o endereço residencial da sobrinha. Liguei para seu apartamento e constatei que as informações estavam certas. Ela morava no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, mas naquele momento estava em tratamento de saúde nos Estados Unidos. Fui orientado por pessoas da casa a fazer contato alguns dias depois.

O encontro com Mariza tinha uma dupla finalidade. Por um lado, eu teria a oportunidade de colher o seu depoimento para agregá-lo ao corpo da tese. Por outro, tentaria conhecer o destino dos escritos inéditos de Vieira Pinto. Quando explicitei o motivo do contato, Mariza atendeu prontamente o telefone e marcamos um encontro no seu apartamento.

No dia 2 de maio de 2004, viajei para o Rio com um único objetivo: encontrar Mariza. A expectativa era grande. Além da preocupação de saber o destino dos escritos inéditos, havia a esperança de conseguir um bom depoimento sobre o pensador. Quando cheguei, considerei que alcançara uma grande vitória, pois, se ainda não havia encontrado os inéditos, poderia especular sobre seu paradeiro. Logo que a encontrei, entreguei-lhe uma cópia da tese de Vieira Pinto sobre Platão.

Nosso diálogo prosseguiu no dia seguinte. Entre outras coisas, Mariza prometera que faria uma busca para encontrar algum trabalho do tio. Para aquecer a conversa, mostrou-me fotos de Vieira Pinto e pediu licença para buscar algum material que encontrara. Dirigiu-se a uma estante e retirou alguns livros. Trouxe-os e colocou em cima da mesinha da sala. Pediu que eu analisasse e verificasse se eram do meu interesse, ou se já os conhecia. Olhei um por um. Quando peguei o último, encontrei dois cadernos, um maior, outro menor, escritos à mão. Olhando para a capa, li o título *Sociologia dos países subdesenvolvidos*. Não tive mais dúvidas de que estava diante de um dos manuscritos de Vieira Pinto, uma obra rara. Meu coração disparou: tudo o que eu queria era encontrar esse material para agregá-lo à minha pesquisa. Tive que controlar a emoção e o entusiasmo.

Ocorreu-me, naquele momento, que muitos pesquisadores procuravam por aquele material. Eu estava tão perto que não poderia colocar tudo a perder. Era preciso que Mariza confiasse em mim. Por isso, minha atitude inicial foi quase de desprezo pela obra inédita. Comecei a falar de mim, mas o entusiasmo de Mariza era maior do que o meu. Gravei o seu depoimento. Quando tive oportunidade, perguntei sobre os demais inéditos e ela falou que tudo havia ficado com Lourdes, cunhada de Álvaro. Ela só conseguira obter, com muito custo, aquela obra. Continuamos a entrevista, que ficou incompleta. Acertamos mais um encontro. De volta ao hotel, eu estava transbordando de alegria e felicidade, porém, ao mesmo tempo, muito preocupado em convencer Mariza de que meu interesse era exclusivamente acadêmico e não tinha nada a ver com ganhos financeiros. Era preciso fazê-la acreditar nisso.

No dia seguinte, depois de realizada a entrevista, combinamos que eu traria para casa uma cópia do inédito e providenciaria a digitação do seu conteúdo, tendo em vista a publicação. Nessas idas e vindas ao apartamento de Mariza, criamos um laço de amizade e confiança. Isso foi fundamental para que ela decidisse tirar uma cópia e confiar-me a tarefa de publicar o texto. Esse contato foi o mais produtivo que tive: depois de cinco dias, eu estava com o depoimento de Mariza gravado e com uma cópia do inédito, autorizado a providenciar a publicação.

De volta para casa, a preocupação era encontrar alguém de confiança e com capacidade intelectual para transcrever o manuscrito de conteúdo do inédito. Teria de ser não uma só pessoa, mas uma equipe, para manter fidelidade ao original. Essa equipe foi formada por três pessoas: eu mesmo, autor da pesquisa, a doutora em educação Maria Oly Pey e a professora Ana

Maria Bacca, profunda conhecedora da língua portuguesa. O texto fora escrito de próprio punho por Vieira Pinto, com uma letra extremamente pequena. Precisamos adquirir uma lupa potente para realizar a leitura.

Várias vezes a equipe admirava-se, observando a espantosa erudição do filósofo. Também aprendemos “outra língua portuguesa”, tamanha era a frequência com que recorriamos a bons dicionários, de nossa língua e de outras, como o dicionário de grego. Também recorreremos a enciclopédias e até a estudos de etimologia das palavras que inspiravam alguma dúvida. Tudo isso para manter a coerência e a autenticidade dos argumentos e das idéias.

Enquanto realizávamos essa tarefa árdua, eu mantinha contatos quinzenais com Mariza para informá-la sobre o trato e o andamento dos trabalhos com a obra manuscrita. Depois de três meses de dedicação intensa, precisei voltar ao Rio para consultar os originais, pois em algumas páginas a primeira linha e, às vezes, a última não estavam suficientemente claras. Levei comigo algumas páginas que já estavam prontas para que Mariza pudesse ver o nosso trabalho. Foi quando me confidenciou que havia prometido ao tio que faria todo o possível para publicar as suas obras ainda inéditas.

Em outubro de 2005, junto aos parentes mais próximos do filósofo, consegui uma autorização para a publicação, e ao mesmo tempo também fui autorizado a prefaciar o manuscrito *A sociologia dos países subdesenvolvidos*. Trata-se da última obra escrita por Vieira Pinto, segundo o depoimento da sobrinha Mariza. Quando Álvaro encerrou esse texto, declarou ter completado seu pensamento.

Um ano depois da defesa da tese, comuniquei a Marília Barroso que estava de posse do manuscrito. Gentilmente, ela se prontificou a fazer um contato com a Editora Contraponto na pessoa de César Benjamin. O editor marcou um encontro comigo para viabilizar a publicação.

Agradeço sobretudo à família do autor, particularmente à sua sobrinha, Mariza Urban, cuja preciosa colaboração foi decisiva para que, afinal, conhecêssemos as apaixonadas linhas escritas pelo último diretor do Iseb, instituição de vanguarda do pensamento brasileiro que foi calada pela ditadura militar instalada no país em 1964.

A paixão com que Álvaro mostra ao leitor as suas reflexões sobre a gênese e a manutenção do estado de subdesenvolvimento social, político, cultural e econômico do Brasil e do seu povo, bem como as possibilidades de superação dessa situação, revela a angústia do intelectual sincero, ainda

vivendo sob formas explícitas de dominação em todos os setores da vida brasileira.

Passadas tantas décadas, ainda não vivemos a tão sonhada conscientização. Ao contrário, hoje, ao lado da dominação, já considerada natural, multiplica-se a apatia e até mesmo a ilusão de que a nação pensa independente e livremente.

O que torna o escritor atual não é a racionalidade dialética hegeliana de suas argumentações, algumas até discutíveis a partir de outras referências metodológicas, mas sim a sua ilimitada capacidade de indignar-se e escancarar a hipocrisia e a torpeza do mundo intelectual, cujo funcionamento descortina de forma radical as limitações disciplinares do conhecimento científico acadêmico, cheio de malabarismos morais, sociais, políticos e econômicos. Mesmo limitando-o a uma estrutura de classes sociais, a análise que Vieira Pinto faz do funcionamento do poder desafia o leitor a envolver-se profundamente com o texto. As lições para os professores, técnicos e outros profissionais são imperdíveis.

Se Paulo Freire não está mais conosco para acenar com uma pedagogia do diálogo e da esperança, se também o mestre Álvaro Vieira Pinto está ausente para afirmar uma idealizada superação do subdesenvolvimento para os povos oprimidos, as palavras deste texto nos convidam a sentar à mesa para dialogar sobre a trágica realidade de um mundo órfão de consciência.

Rio do Sul, Santa Catarina, dezembro de 2007